

NUNO RAMOS

Em 1987, pode-se dizer que começa, de fato, a carreira individual de Nuno Ramos. Foi nesse ano que o artista apresentou a exposição *Cal*, na extinta sala do – INAP/Funarte, Rio de Janeiro. A exposição marca o início da trajetória de Nuno fora da Casa 7, ateliê criado na década de 1980 pelos também iniciantes Carlito Carvalhosa, Fábio Miguez, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade. O grupo se propunha, entre outras coisas, a estabelecer uma pesquisa conjunta relacionada à pintura. Na época, os artistas trabalhavam, principalmente, com tinta sobre papel kraft.

Após sair da Casa 7, Nuno começou a explorar diversos materiais não convencionais, procedimento que vem se mantendo durante sua trajetória e que deu origem a exposições como *III*, instalação realizada na época do massacre do Carandiru; *Casco (Shackleton)* (1999), escultura concebida a partir dos relatos sobre o acidente ocorrido durante a expedição do navegador Henry Shackleton à Antártida em 1914; e *Bandeira Branca II* (2010), instalação realizada para a 29ª Bienal de Artes de São Paulo, em que levou urubus para o espaço expositivo.

A pluralidade não é marca somente de sua produção como artista plástico, ela está presente também na atuação de Nuno em outros campos das artes: nos trabalhos com filmes (relacionados a sua obra plástica), nos livros publicados de prosa (*O pão do corvo*, *Ó*, entre outros) e de poesia (*Junco*), nas canções que compõe sozinho ou com parceiros. A presença da palavra permeia boa parte de sua produção e pode ser percebida em obras como *Vidrotexto* (1991), *Caldas Aulete (Para Nelson 3)* (2006), *Soap opera* (2008), ou, mais recentemente, nos desenhos da série *Schreber* (2011/2012), entre muitas outras. O próprio artista ressalta a importância da palavra em sua obra: “poucas coisas em artes plásticas eu faço sem passar por uma fabulação literária”.

Na exposição *Cal*, Nuno Ramos utilizou este material pouco convencional no universo da arte para produzir as cinco obras que compunham aquela mostra: *Coluna*, *Monte*, *Vela*, *Um ano* e *Leque*. Para a confecção delas, ele utiliza sarrafos de madeira, tecido de lona e algodão e, claro, cal. Da mesma maneira como a utilização do cal como matéria-prima se desdobrou na adoção de outros materiais inusitados – como vaselina, plástico, breu, ou areia –, alguns dos procedimentos empregados na realização dessa obra tornaram-se recorrentes para o artista. Entre eles, é possível citar a manipulação de materiais de maneira que adquiram configurações talvez não tão habituais. É o caso de *Gotas* (1998), em que o vidro é moldado de modo que possa ser encaixado em placas de mármore, adquirindo formas arredondadas e fazendo com que se pareçam com gotas d’água; e das *Colunas* que compõem *Cal*, formadas por ripas de madeira e permeadas pelo

pó do material que, contrariando sua tendência de se espalhar, permanece compactado e retido dentro da estrutura.

A experiência da década de 80 é retomada agora no Centro Universitário Maria Antonia, com a exposição curada por João Bandeira, que é uma remontagem da primeira exposição, mas contando com o acréscimo de duas peças. São colunas feitas de madeira calcinada e cinzas, originalmente concebidas na época da exposição de 87 e só realizadas mais recentemente.

Nuno vê com bons olhos essa iniciativa de reconstituir uma exposição do passado: “Eu já fiz retrospectivas, mas o que eu acho legal aqui [Maria Antonia] é ser uma exposição, e não uma obra só. Isso eu achei uma ideia bonita. Eu acho que re fazer exposições é uma tarefa institucional rica. Fica uma coisa original pegar um momento do artista e isolá-lo como uma coisa significativa”.

Durante uma visita ao ateliê do artista, foi possível ver os protótipos a partir dos quais serão produzidas as colunas e presenciar um ensaio de reconstrução da peça *Leque*, feita de lona crua dobrada, cujas rugas são preenchidas por cal. Como os vincos não se sustentavam, Nuno concluiu que a lona utilizada originalmente era outra, alterando também o modo de manipular o tecido. Uma vez que se trata de uma remontagem, exceto por alguns ajustes a serem realizados entre as obras e o atual espaço expositivo e pela inclusão de mais dois elementos, o esforço de Nuno é para que a exposição de agora, aproxime-se o máximo possível daquela de 1987. Isso implica recuperar passo a passo o processo de construção das obras de maneira a se obter resultados semelhantes.

por Thierry Freitas e Lara Rivetti